

## **O amor**

Alberto Pereira

O amor,  
a coisa mais violenta  
que o corpo conheceu.

Era agora tempo de hospedar  
Agosto num ninho  
para que os arpões  
lhe ensinassem um astrolábio.

Na verdade as veias durante a paixão  
eram deuses que faziam casas no sangue.  
O sexo tocava Chopin,  
a pele erguia a Capela Sistina.

Lembro-me,  
nesses momentos  
o teu rosto cercava a música.

E o que era a música?

Timbre com o qual  
a inocência matava poeira.

Meço agora os meses  
pelo mapa das catedrais que perderam o fermento.  
Ando à proa das hóstias  
para absolver as cordas e o pescoço.

Quando era criança ensinaram-me,  
uma jóia ajuda sempre o Outono  
a acreditar de novo no açúcar.

Sem dinheiro tens que ser criativo,  
por isso,  
abri uma ourivesaria no fígado.

Todas as tardes me dirijo a uma esplanada.

É incrível como o ouro despejado das garrafas,  
afoga o negro itinerário das mandíbulas.

Meter terramotos no micro-ondas,  
orar a um poema com lareira,  
e às vezes,  
engolir um infinito poço.

O coração amadurece sempre  
com as rochas mais duras.

*Este texto foi escrito segundo as regras da antiga ortografia*